



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento de Patrimônio Imaterial
Coordenação Geral de Identificação e Registro

✓ Parecer nº 31/2015 – CGIR/DPI

Assunto: **Processo nº 01450.017677/2010-21 referente à solicitação de Registro do Modo de fazer cuias no Baixo Amazonas no Livro de Registro dos Saberes como Patrimônio Cultural do Brasil.**

À Senhora Ellen Krohn, Coordenadora de Registro Substituta, encaminhamos o seguinte PARECER:

Trata-se do parecer conclusivo da etapa de instrução técnica do processo nº. 01450.017677/2010-21 aberto neste Departamento do Patrimônio Imaterial-DPI em 2010, sobre o reconhecimento do **Modo de Fazer Cuias do Baixo Amazonas** como Patrimônio Cultural do Brasil.

O pedido de Registro foi apresentado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), em novembro de 2010, para o então presidente do Iphan Sr. Luiz Fernando Almeida, tendo como base o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC dos Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, realizado nas cidades de Santarém e Monte Alegre, no estado do Pará. Além do INRC, foi encaminhado juntamente com este pedido, o Dossiê *Padrões Iconográficos das Cuias de Monte Alegre e Santarém*, que situa a ocorrência dessa prática nas comunidades de várzea do rio Amazonas. O referido dossiê é composto por textos, fotografias, CD-ROM e DVD

SEM

que contextualizam a prática na região, destacando conhecimento, as técnicas de confecção das cuias e seus significados para as populações do Baixo Amazonas.

Em 15 de outubro de 2010, Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém – Asarisan encaminhou ao então presidente do Iphan, Sr. Luis Fernando de Almeida, documento cujo assunto era “Registro dos Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas como Patrimônio Cultural”, assinado pela presidente Silvane Almeida Maduro. Em 18 de novembro de 2010, o CNFCP enviou Memorando nº 245/2010/CNFCP endereçado ao presidente Luis Fernando de Almeida, requerendo o Registro dos Modos de Fazer Cuias do Baixo Amazonas no Livro dos Saberes, com informado anteriormente.

O CNFCP encaminhou essa proposta a partir de documentos produzidos e sistematizados no âmbito do *Projeto Cuias de Santarém (2002-2003)*, no *Programa de Apoio a Comunidades Artesanais (PACA)*, e do *projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular (2001-2006)*, desenvolvido pelo CNFCP e pela Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro. As ações implementadas pelo CNFCP no âmbito desses projetos tiveram como objetivo testar as possibilidades, o alcance e a eficácia dos instrumentos criados para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, a partir do Decreto 3.551/2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Esses projetos contaram com a participação direta dos atores sociais envolvidos, que evidenciaram ao longo do processo, por fomento desta instituição, a importância de registrar e difundir o artesanato de cuias ornamentadas. Essa proposta foi ratificada em 2010 pela Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém (Asarisan), com abaixo-assinado das artesãs de 2005. Essas assinaturas foram anexadas às anuências – recolhidas no ano de 2003 – das artesãs e moradores das comunidades de Santarém (Carapanatuba, Surubim-Açu, Cabeça d’Onça, Enseada do Aritapera, Centro do Aritapera) e de Monte Alegre (Vila do Pariçó), que declaram “o interesse de nossa comunidade na instauração do processo de registro dos padrões iconográficos de decoração das cuias como referência cultural e na sua inclusão no Livro das Formas de Expressão”. Ao longo dos projetos, entretanto, como apontado pelo Memorando do CNFCP,



Optou-se pelo pedido de registro dos Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, mas a anuência das detentoras do saber da decoração das cuias não perde sua importância; na verdade, testemunha o extenso trabalho realizado pelo CNFCP, com o apoio especial da Superintendência do IPHAN no Pará.

Cabe destacar que o inventário dos Modos de Fazer Cuias dialoga muito de perto com o inventário do Ofício de Tacacazeiras, realizado em Belém, cujo pedido de registro do Livro dos Saberes foi solicitado pelo CNFCP no mês de outubro de 2010. O tacacá consumido em diversas cidades da região norte do Brasil costuma ser servido em cuias e fotos dessa prática foram incluídas em ambos os inventários.

O pedido de Registro ora analisado foi apreciado na 19ª Reunião da Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial, em agosto de 2011. Na ocasião, foi apresentada a Nota Técnica nº 10/2011 – CGIR/DPI/Iphan, que discutia o citado pedido de Registro. O Inventário dos *Modos de Fazer Cuias* evidenciou a relação que este bem cultural possui com outro bem cultural, alvo de ações de identificação e reconhecimento, o *Ofício de Tacacazeiras* (com pesquisa realizada no Pará e indicação de reconhecimento com recorte territorial na região norte).

Consta neste documento a menção ao memorando encaminhado pela Diretora do CNFCP com a solicitação, que dizia que "o inventário dos **Modos de Fazer Cuias** apresenta elementos e aspectos comuns ao inventário do **Ofício de Tacacazeiras**, realizado em Belém, razão pela qual sugere o encaminhamento simultâneo dos correspondentes processos de Registro ao Conselho Consultivo, caso sejam considerados pertinentes pela Câmara do Patrimônio Imaterial. Parte da documentação iconográfica de um dos pedidos, inclusive, foi replicada no outro, e ambos os processos se complementam, em certa medida." (NT 10/2011 – CGIR/DPI/Iphan, p. 2).

Discutiu-se nessa 19ª Reunião da Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial que o processo das Cuias encontrava-se bastante adiantado, e pronto para prosseguimento ao Conselho Consultivo, desde que uma documentação complementar sobre o tema e seu universo associado fosse incluída. "A produção de Cuias já está em grande escala e a pesquisa contempla seus usos, a forma de transmissão e já indica também problemas para a continuidade: êxodo dos jovens, pouco recurso, substituição dos materiais, valorização da função decorativa e desvalorização do conteúdo simbólico do uso". (Memória da 19ª Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial).

Por entendermos, no DPI, que o material de documentação e a mobilização da comunidade detentora do bem cultural **Modo de fazer Cuias no Baixo Amazonas** foram suficientes para dimensionar e avaliar as demandas para a continuidade da ação institucional na Salvaguarda, bem como evidenciar sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, encaminhamos para análise e instrução do Registro deste bem cultural. O material faltante foi incorporado ao processo. Nesse contexto, o *Ofício de Tacacazeiras* ainda encontra-se em fase de ampliação de ações de identificação e de mobilização da comunidade em outras localidades da região norte do país.

A Câmara sugeriu que o recorte territorial do Registro fosse o Baixo Amazonas, sem o destaque das localidades de maior proeminência, Santarém e Monte Alegre, e os conselheiros concordaram com as sugestões propostas pela equipe técnica do DPI, de dar prosseguimento ao processo e realizar solicitação de envio do restante da documentação e sistematização do material para enviar a candidatura ao Conselho Consultivo.

O corpo do processo, em três volumes, está constituído pelos requerimentos de Registro, anuência, memória da reunião da Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para exame preliminar do pedido, Dossiê Descritivo, além das correspondências de encaminhamento do Iphan. Os demais documentos e publicações, reunidos ou produzidos pela pesquisa, em diferentes suportes, constituem os seguintes anexos e apensos do processo:

- ANEXO 1) Dossiê IPHAN Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas. (Versão Preliminar);
- ANEXO 2) INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas;
- ANEXO 3) INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas – Padrões Gráficos das Cuias de Monte Alegre e Santarém/PA;
- ANEXO 4) A. NAZARETH DA ROCHA. Relato da reunião realizada com a Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém para atualização do dossiê do modo de fazer cuias e esclarecimento sobre o pedido de registro deste como patrimônio cultural.;

- ANEXO 5) ALMANAQUE PITINGA. Organização: Aída Bezerra e Renato Costa. Várias autoras. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011.;
- ANEXO 6) O ARTESANATO DE CUIAS EM PERSPECTIVA - SANTARÉM. Organização: Luciana Gonçalves de Carvalho. Várias autoras. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011.;
- ANEXO 7 a) CUIAS DO BAIXO AMAZONAS. 18 min. (Documentário / Arquivos Digitais em DVD);
- ANEXO 7 b) CUIAS DO BAIXO AMAZONAS. 18 min. (Documentário / Arquivos Digitais em DVD);
- ANEXO 8) CUIAS DO BAIXO AMAZONAS - Dossiê em PDF, Autorizações de Uso de Imagem e INRC. (Arquivos digitais em CD);
- ANEXO 9) CUIAS DO BAIXO AMAZONAS – Material fotográfico, Material sonoro e Depoimentos. (Arquivos digitais em CD);
- ANEXO 10) CUIAS DO BAIXO AMAZONAS – Padrões iconográficos, Ilustrações do Aritapera. (Arquivos digitais em CD);
- ANEXO 11 a) FOTOGRAFIAS – Dossiê Cuias, 343 fotos. (Arquivos Digitais em DVD);
- ANEXO 11 b) FOTOGRAFIAS – Dossiê Cuias atualização, 233 fotos (Arquivos Digitais em DVD);
- ANEXO 11 c) FOTOGRAFIAS – Fotos Cuias, 31 fotos (Arquivos Digitais em CD);
- ANEXO 11 d) FOTOGRAFIAS – Fotos Cuias, 30 fotos (Arquivos digitais em CD);
- ANEXO 11 e) FOTOGRAFIAS – Fotos INRC Cuias, 202 fotos (Arquivos Digitais em DVD);

1. Do Bem Cultural

O modo de fazer cuias na região do Baixo Amazonas é um ofício tradicional praticado predominantemente por mulheres, diretamente relacionado ao aproveitamento de recursos naturais disponíveis nessa região. Com documentação que data do século XVIII, tendo como registro histórico considerado o mais completo e detalhado sobre as

cuias os escritos de Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1786 ("Memórias sobre as Cuias")¹, os saberes relacionados à produção e utilização de cuias nessa região do Brasil faz parte das complexas dinâmicas de colonização e ocupação do espaço amazônico.

As cuias provenientes dos municípios paraenses de Santarém e Monte Alegre, situados na região do Baixo Amazonas, são conhecidas pelos observadores, naturalistas, viajantes, etc., tendo chamado sua atenção pela beleza e outras características descritas em diversos documentos.² Além desses, há vários outros registros setecentistas sobre os modos de fazer cuias e seus usos. Há registros dessa época acerca de sua utilização no ambiente doméstico e, a partir do século XIX, as cuias começaram a ser exportadas internamente ao país e para países europeus. As cuias figuram também nos escritos de Mário de Andrade (1939), Arthur César Ferreira Reis (1942), Luís da Câmara Cascudo (1954) e Cícero Nobre de Almeida (1970).

Há indícios em levantamentos históricos de que a prática de fabricação de cuias tais como as descritas pelo Dossiê (cuias pretas e ornamentadas com incisões e/ou desenhos diversos) tenha surgido inicialmente na região de Monte Alegre, onde seus moradores são denominados atualmente como "pinta-cuias". Saberes praticados pelas comunidades indígenas (Aparais ou Urucuiunas) da região há mais de um século, com o tempo esse conhecimento foi-se disseminando por um território mais vasto. Possivelmente pela difusão dos "segredos" das técnicas indígenas, várias comunidades, em locais esparsos da Amazônia, também têm produzido o artesanato de cuias.

A pesquisa mostrou que a preponderância monte-alegrense no artesanato das cuias provavelmente manteve-se até o século XIX. A partir do século XX, Santarém assume essa posição na produção das cuias pintadas e bordadas característica do Baixo Amazonas. Um dos possíveis motivos levantados para essa mudança de foco foi a migração de artesãs de Monte Alegre para Santarém, que influenciou a nova dinâmica, novas técnicas e maneiras de se criar as cuias ornamentadas.

¹ De acordo com Luciana Gonçalves de Carvalho (2011), os primeiros registros escritos sobre processos e técnicas de produção, estilos estéticos e fluxos comerciais no que dizia respeito às cuias que as mulheres indígenas preparavam no baixo curso do rio Amazonas foram feitos pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua passagem pela Amazônia entre 1786 e 1789.

² Cf. Dossiê Descritivo.

As cuias pintadas, diferentemente daquelas produzidas com incisões, foram introduzidas no repertório estético das artesãs apenas no século XX. Atualmente esse padrão está completamente incorporado no repertório da ornamentação considerada tradicional. Com a priorização das cuias lisas pelos consumidores no século XX, as artesãs passaram a experimentar um progressivo abandono na confecção secular das cuias com incisões decorativas, acompanhado de um progressivo processo de esquecimento dos padrões iconográficos considerados tradicionais. Foi nesse período que as cuias pintadas entraram em cena, adquirindo visibilidade e consagradas como recipiente para consumo do tacacá. A região do Aritapera, em Santarém, foi identificada pela pesquisa como polo produtor de cuias pintadas.

A feitura e a utilização das cuias são práticas amplamente disseminadas no Baixo Amazonas na contemporaneidade. As cuias são objetos agregadores de elementos além daqueles que as conferem características de artesanato. Sua existência se dá através de uma longa cadeia de produção e significação ancorada na sociabilidade de diversas comunidades ribeirinhas, tendo como fim uma infinidade de usos pelas próprias detentoras do saber e suas famílias, por outras pessoas das comunidades envolvidas com sua produção, por turistas que as adquirem num mercado mais amplo de *souvenir*, etc.

A preparação das cuias e sua elaboração estética demandam cuidadoso trabalho por parte das artesãs, que dispõem de suas habilidosas mãos para comporem as peças finalizadas. Através da força e sutileza de seus gestos, as mulheres servem-se de seus corpos (Mauss, 2003. [1935])³ para produzir objetos cujas técnicas e saberes vêm sendo transmitidas de geração e geração e pertencem há muito àquele lugar e àquelas vidas. Nesse sentido, podemos afirmar que objetos transmitem, evocam e sintetizam elementos muito além daqueles propriamente estéticos, "derivam de aspectos espaciais, temporais e sociais" (Velthem: 2007, 117).⁴

O processo de produção das cuias pode ser assim descrito: 1) os frutos são retirados da árvore, a cuieira (*crecentia cujete*, árvore da família das bignoniáceas); 2) os frutos são partidos ao meio com facão ou serrote; 3) é retirado o miolo; 4) seca-se as

³ Marcel, Mauss. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

⁴ Velthem, Lúcia Hussak van. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. In: *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI*, Brasília, v.4, n.2, p.117-146, dez. 2007.

duas metades; 5) as duas metades são acondicionadas para amolecer na água, internamente a bacias ou em pequenos cercados à beira do rio; 6) é realizada uma primeira raspagem das superfícies internas e externas, usando pontas de facas e colheres como "rapadores"; 7) faz-se uma raspagem "mais fina" com escamas de pirarucu; 8) as cuias lisas são lavadas para retirada de resíduos e possíveis asperezas; 9) as cuias são expostas ao sol (neste estado apresenta coloração marrom bem clara, sendo denominada "pitinga". Já pode ser utilizada para diversos fins); 10) inicia-se o processo de tingimento com cumatê (pigmento natural extraído do axuazeiro ou "cumatezeiro");⁵ 11) a água tingida é passada em ambos os lados das cuias secas, com pincel produzido com penas de galinha (esse processo é repetido até que as peças ganhem coloração vermelha muito escura); 12) as peças permanecem sobre um jirau para que sequem; 13) as peças são transportadas e alocadas em um estrado denominado "cama" ou "puçanga", que é preparado com uma camada de areia e cinzas, em local coberto. Nessa camada é borrifada urina humana⁶ (para extração da amônia) colhida durante a noite anterior a esta preparação, em cuias grandes denominadas "coiós";⁷ 14) é colocada uma cobertura de palha sobre a camada molhada com a urina, onde as cuias são emborcadas e abafadas com pano ou lona, permanecendo assim por cerca de seis horas; 15) o procedimento é repetido com as cuias desemborcadas; e 16) passa-se ao processo de ornamentação.

Há diversos modos para realização da ornamentação das cuias. Considera-se o mais antigo deles aquele em que se utilizam objetos pontiagudos, como facas e

⁵ "Como essa árvore só é encontrada na terra firme, portanto longe da várzea, a obtenção do pigmento, por si só, requer um processo longo e demorado de trabalho, que normalmente recai sobre os maridos das artesãs produtoras de cuias. São eles que viajam até uma semana inteira para trazer a casca avermelhada para casa. Para extrair-lhe a tintura, ela é posta de molho em água aquecida ao sol, por três a cinco dias, em média." (INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p. 7).

⁶ "Vale sublinhar que, normalmente, se usa apenas urina de mulheres e crianças da casa da artesã ou de suas vizinhas e amigas. Ao que parece, os homens não colhem sua própria urina por temerem ficar "panema", isto é, azarados, com dificuldades de pescar, caçar ou ter relações sexuais. Como se diz nas comunidades, "homem não urina em bacio". (INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p.89)

⁷ "Numa reação química já conhecida pelas índias há pelo menos quatro séculos, desde quando se tem notícia do fabrico artesanal das cuias pretas de Santarém, a amônia atua sobre a tintura do cumatê, enegrecendo-a por inteiro. As cuias pretas, depois de bem lavadas e enxutas, perdem qualquer resíduo de odor de urina que possa ter ficado do processo descrito e já estão prontas para o uso absolutamente higiênico, especialmente para o consumo de líquidos que não podem ter contato com o cumatê em estado natural, já que retiram seu tom vermelho." (INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p. 7).

compassos para produzir incisões, retirando a laca preta de cumatê e formando figuras. A essa técnica as comunidades do Baixo Amazonas denominam os seguintes termos: “rascunhar”, “pirocar” ou “bordar” a cuia. Outra técnica bastante difundida é a ornamentação das cuias com tinhas industrializadas, feita sobre a camada de cumatê, geralmente com pinturas figurativas de temas variados, especialmente àqueles relacionados ao ambiente amazônico.

As cuias são produzidas artesanalmente em grande escala, especialmente no Pará, mas também nos demais estados amazônicos, sendo caracterizadas e reconhecidas como símbolo identitário dos paraenses. Em Belém, associam-se as cuias ao tacacá; em Santarém, ao mingau. A criatividade e os distintos padrões de ornamentação relacionados à confecção das cuias são inerentes ao seu processo de preparação, não inviabilizando sua utilização de modo semelhante em diversas localidades. No norte do Brasil, índios Tembém, Ramkokamekra e Urubu Kaapor, além de comunidades quilombolas da região preparam cuias pitingas, tingidas com cumatê, para uso diário.

O tacacá, alimento à base da extração do tucupi da mandioca, contendo demais ingredientes (goma, camarão e jambu), cujos saberes envolvidos no seu preparo "vêm sendo transmitidos entre gerações e atualizados segundo particularidades regionais" (Bitter e Bitar, 2012: 224), é servido em cuias em diversos pontos da capital paraense, Belém, e em demais localidades do estado.

Para as populações ribeirinhas do baixo Amazonas, as cuias fazem parte do universo cotidiano da comunidade, como auxílio para as seguintes atividades: pegar água do rio, tomar banho, cozinhar, consumir alimentos líquidos e outros alimentos, tirar água da canoa, acessório decorativo nas paredes das casas, vasos de plantas, etc. O repertório de produtos confeccionados com frutos diversos foi ampliado com a aplicação das técnicas de produção da cuia: fruteiras, copos, jarras, vasos, travessas, braceletes, farinheiras, *cache pots*, petisqueiras, entre outros.

Embora se caracterize como um ofício feminino, adultos e crianças do sexo masculino auxiliam as mulheres, eventualmente, a colher o fruto ao pé da cueira, a prepará-lo na beira do rio, a recolher da floresta o pigmento que é utilizado no tingimento das cuias e a comercializá-las nos centros urbanos. De acordo com a Ficha de Identificação – Ofícios e Modos de Fazer Artesanato de cuias pintadas, contida no

INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, grande parte dos artesãos que produzem cuias tingidas e decoradas com incisões e/ou pinturas, atrelam essas atividades a outras, como a pesca, a agricultura de subsistência, a produção de farinha de mandioca e pequenas criações. Há épocas do ano em que a comercialização das cuias representa 50% da renda das famílias da região.

A transmissão dos saberes relacionados à confecção das cuias dá-se entre mulheres, no interior das famílias ou em comunidade. Muitas exercem seus ofícios em suas próprias casas, sendo as etapas de produção executadas por si sós ou em companhia de outras pessoas que vivem na mesma localidade. A produção das cuias não é feita exclusivamente com fins comerciais, mas é também atividade fundamental na manutenção de laços de solidariedade nos grupos e fonte de inspiração, pertencimento e prazer para muitas mulheres.

2. Pesquisa, projetos e mobilização da "comunidade"

A pesquisa que subsidiou o pedido de Registro foi realizada através do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). A utilização desse instrumento fez parte uma série de outros instrumentos acionados pelos grupos detentores em direção à visibilidade das suas práticas, ao reconhecimento e apoio, por parte dos poderes públicos, para suas demandas de ordens culturais e econômicas. As atividades do Inventário, muitas vezes mais lentas e reflexivas que outras ações, comunicaram-se com outras ações que já estavam em curso nas localidades inventariadas, destinadas à salvaguarda dos saberes em foco.

Três períodos merecem ser destacados desde o momento em que se iniciam as ações de salvaguarda e mobilização até o pedido de Registro e sua instrução:

- 1) 2002 – tem lugar o projeto Cuias de Santarém, promovido pelo CNFCP, com objetivo de apoiar a produção e a comercialização de objetos feitos do fruto da cuieira;
- 2) 2003 – 2006 – realização do INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas, através do qual identificou-se o Ofício denominada "Artesanato de cuias pintadas"; e

3) 2010 – pedido de Registro encaminhado ao Iphan.

A ideia de realizar o INRC surgiu como desdobramento do Projeto Cuias de Santarém, que foi concebido no âmbito do Programa de Apoio a Comunidades Artesanais (PACA), do CNFCP. Em Santarém, participaram do projeto as seguintes comunidades: Enseada do Aritapera, Centro do Aritapera, Carapanatuba, Cabeça d'Onça e Surubi-Açu. Apesar de o número de mulheres que produzem cuias ornamentadas ser mais que este, cinquenta mulheres provenientes dessas cinco comunidades aderiram ao projeto.

Impulsionadas pelo projeto e pela mobilização social viabilizada por ele, as artesãs criaram a Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém (Asarisan) em 2003, cujo objetivo é o fortalecimento do movimento social das mulheres de cinco comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas. A Asarisan reunia, em 2005, 33 mulheres que se dedicavam à atividade de produção de cuias e outros objetos de produção artesanal, constituindo-se juridicamente como uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos. Suas principais linhas de ação são as seguintes:

promover e divulgar o produto da atividade artesanal praticada pelas associadas; organizar o trabalho e a produção, de modo a otimizar a capacidade das associadas; atuar junto ao mercado de artesanato, a fim de abrir canais de comercialização, de modo a incrementar a renda das associadas; promover a melhoria da qualidade e da produtividade das associadas, para atender às exigências do mercado consumidor; organizar e profissionalizar os processos de produção, beneficiamento, armazenagem, industrialização e comercialização do produto, tendo em vista a melhoria de qualidade, preço e facilidade de distribuição; promover atividades sociais e culturais entre as associadas, a fim de fortalecer o senso de organização, solidariedade e boa convivência; firmar convênios com instituições governamentais e não governamentais visando ao desenvolvimento e o ao crescimento da associação, bem como à geração de benefícios às comunidades; tratar os interesses da associação, visando à promoção da atividade artesanal, turística, educacional, social, cultural e de saúde nas comunidades envolvidas; promover e realizar a capacitação de suas associadas na atividade artesanal afim; promover a geração de rendimento que permita às associadas seu auto-sustento e melhoria de seu padrão de vida; promover e expandir a produção artesanal, dentro da capacidade de cada associada.

(INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas
Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p. 10)

Tais comunidades de várzea do rio Amazonas haviam abandonado paulatinamente as práticas de ornamentação em benefício dos padrões demandados pelo mercado, cuja prioridade era as cuias lisas (artesãos urbanos que compravam das artesãs das várzeas para trabalharem a seu modo e revender) e pintadas com paisagens (preferência de muitos turistas). O projeto apresentou ferramentas de valorização, como a busca de preços justos e do reconhecimento do valor cultural do artesanato e da importância do papel da mulher no processo mais amplo de produção. Nesse sentido, o projeto levantou que

Era notório que a ornamentação agregava valor às cuias e constituía uma das condições para melhor inserção do artesanato ribeirinho no mercado. Porém, poucas artesãs ainda dominavam os repertórios ornamentais nas comunidades e, quando estimuladas a decorar as cuias, várias do grupo se viram desprovidas de uma memória mais densa do artesanato que faziam. Foi nesse momento que se deu início à compilação de antigos padrões iconográficos de cuias, a qual, por sua vez, originou o Inventário Nacional de Referências Culturais do Modo de Fazer Cuias no Baixo Amazonas. (Dossiê Descritivo, p. 8)

Assim, uma série de padrões gráficos de ornamentação de cuias, reproduzidos pelo INRC dos Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas e pela publicação “O artesanato de cuias em perspectiva – Santarém” (2011), foi pesquisada em coleções particulares e instituições museológicas brasileiras, como o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu de Folclore Edison Carneiro, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP) e o Museu Nacional (RJ). Esse rico levantamento foi realizado por Luciana Alem Gennari, cujo principal objetivo foi

incentivar a prática de decoração das cuias a partir da reconstituição da memória e da difusão de um rico repertório iconográfico que, à época da implantação do projeto Cuias de Santarém, esvaía-se num contexto de desvalorização da ornamentação com incisos, num mercado que privilegiava cuias lisas ou parcamente decoradas, às quais correspondiam baixos preços de vendas. (*O artesanato de cuias em perspectiva, 2001:14*)

O material produzido a partir da reprodução desses padrões foi impresso, encadernado e distribuído para as artesãs, com o intuito justamente de subsidiar ações e interesses relacionados à recuperação e transmissão dos saberes associados às práticas de ornamentação das comunidades foco do projeto. Este material passou a ser chamado de “apostila” pelas artesãs e as “mais idosas e/ou experientes se tornaram as principais difusoras dos padrões, na medida em que ali reconheciam os bordados que viam quando eram meninas e assumiam a tarefa de ensiná-los às demais.” (Dossiê Descritivo, p. 8)

Esse processo foi muito importante não só para resgatar padrões tradicionais de ornamentação que valorizam o trabalho das artesãs, mas também por desencadear espaços de criatividade e identidade que permitiram a construção de novos olhares e significados às atividades que sempre realizaram em seu cotidiano. Esse novo contexto permitiu uma análise cuidadosa da antropóloga pesquisadora do INRC e editora do Dossiê no que diz respeito ao conceito de comunidade.

A abrangência das ações e para quem aquela prática cultural era referência foram questões centrais nos momentos para recorte dos focos das ações da política de patrimônio imaterial. Para quem os modos de fazer cuias são referência cultural? A reflexão sobre comunidade surge no contexto desse questionamento. Não havia critérios puramente geográficos, sociológicos, religiosos ou demográficos para delimitar um conjunto coerente de pessoas que seriam consideradas detentores daquele saber. Uma definição possível recaía no universo construído no âmbito do projeto. As comunidades produtoras de cuias pretas ornamentadas na região do Baixo Amazonas, nas regiões de várzea, correspondiam, em grande medida, àquelas que estavam participando do projeto.

Apesar das tensões que envolveram as discussões nas reuniões do projeto sobre as ações que poderiam ser implementadas na região, relacionadas a discursos de beleza e qualidade atribuídas por elas às cuias de distintas procedências, que implicavam em processos ora de aliança ora de fissão das comunidades de pertencimento das artesãs, implementou-se na região a Asarisan, representando os cinco núcleos de produção. A comunidade detentora passou a ser identificada como aquelas artesãs que possuem conhecimento acerca da produção tradicional das cuias. Cada localidade identificada por essa produção, portanto, pode ser considerada como uma comunidade. Teríamos, assim, comunidades localizadas na região do Baixo Amazonas que são referência histórica em relação à prática cultural “modo de fazer cuias”.⁸

Tais comunidades, ao se sentirem incentivadas pela recuperação do antigo repertório de ornamentação das cuias reproduzido pela “apostila”, passaram a implementar reuniões de trabalho coletivo em que as mais habilidosas em relação à

⁸ “A comunidade de atuação do projeto, como ficou evidente, nunca seria um lugar só.” (O artesanato de cuias em perspectiva, 2001: 34).

reprodução dos modelos recuperados passaram a ensinar às demais as técnicas das incisões nas cuias. Por iniciativa própria, realizaram pesquisas em livros escolares e em ambientes de seu cotidiano (fauna, flora, complexo mítico amazônico) para ampliar e diversificar seus produtos. Paralelamente, acessaram outro repertório além daquele reproduzido pela “apostila”, baseado em padrões gráficos tapajônicos, provenientes da cerâmica santarena. Estes padrões foram muito importantes para a criação de uma linha de peças ornamentadas com “motivos étnicos”, constituindo grande parte da produção atual de cuias paraenses.

As cuias do Baixo Amazonas são comercializadas sobretudo nas lojas de artesanato regional. Em geral, há comerciantes (denominados marreteiros) que atuam como atravessadores: compram as cuias das artesãs nas comunidades onde moram, em região de várzea, e revendem a lojistas de Santarém e Monte Alegre. Outra maneira de comercialização é através das próprias artesãs; por exemplo, as de Aritapera viajam até às cidades para vender suas cuias para atravessadores que as esperam na beira do cais e as repassam posteriormente para os lojistas. Finalmente, um terceiro modo de efetuar as vendas se dá pela Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém, cujas associadas encaminham sua produção para lojas de Santarém, Belém, São Paulo e Rio de Janeiro, através de uma agente local, escolhida e remunerada pelas artesãs, que presta serviços para a Associação e despacha as cuias pelo preço exato por elas indicado.

É importante citar que, durante o período de realização do Projeto Cuias de Santarém, as artesãs nele envolvidas participaram de cursos e eventos ocorridos fora de suas localidades de origem. São exemplos dessas atividades cinco cursos oferecidos pelo Sebrae-PA sobre associativismo, qualidade de produto, formação de preço, gestão de núcleo de produção, além da Oficina de grafismo indígena em cuias, ministrada por um mestre artesão, e de outra Oficina promovida pela ONG Grupo Consciência Indígena. As detentoras participaram também de feiras e exposições, como a Amazônia BR, em São Paulo (SP), em julho de 2003; Pará Arte, em Belém, em setembro de 2002; Feira Nacional de Artesanato, em Belo Horizonte (MG), em novembro de 2002; Feira da Providência, no Rio de Janeiro (RJ) em dezembro de 2002 e da Exposição Cuias de Santarém, na Sala do Artista Popular do Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro (RJ), de 09 de janeiro a 09 de fevereiro de 2003. Em 21 de fevereiro, as artesãs

ganharam um espaço permanente de exposição e venda de cuias no município de Santarém, em sala cedida pelo Grupo Consciência Indígena.

Diante desse longo processo, podemos citar como desdobramentos das ações citadas os seguintes programas, frente a outras atividades que vêm sendo implementadas na região:

- 2004 – 2005: A Asarisan realizou o “Projeto Artesanato Ribeirinho de Santarém”, com recursos da Brazil Foundation e apoiadores.
- 2005: A Asarisan captou recursos do Ministério da Cultura, via edital público, para a instalação do Ponto de Cultura do Aritapera.

3. Recomendações de Salvaguarda

Reproduzimos aqui as recomendações para a salvaguarda do bem cultural ora analisado, contidas no Dossiê Descritivo:

“O INRC do Modo de Fazer Cuias no Baixo Amazonas identificou primordialmente três situações diferenciadas no que diz respeito a possibilidades de encaminhamento de ações de salvaguarda desse bem. Um caso específico é o da Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém, que conta com recursos exclusivos como a marca coletiva, o Ponto de Cultura do Aritapera, publicações e uma série de experiências acumuladas de produção, organização e comercialização. A situação dessa entidade é singular no contexto da produção de cuias na região, portanto, suas demandas de apoio e salvaguarda são particulares e estão articuladas nos seguintes eixos:

Divulgação

- Realização de um evento comemorativo do registro do modo de fazer e do registro da marca coletiva Aíra;
- Divulgação do Ponto de Cultura do Aritapera;
- Elaboração de um site atualizado para a Asarisan, com divulgação dos produtos e das ações do grupo.

Produção e organização da produção

- Realização de ações de orientação e esclarecimento das sócias da Asarisan sobre procedimentos de gestão e participação na entidade;
- Melhoria das condições produção, com implantação de espaços para estocagem de cuias nos núcleos de produção da Asarisan;
- Fortalecimento e crescimento da associação, com atração de novas sócias e colaboradoras em todos os núcleos de produção;
- Atração de artesãs jovens para o grupo, a fim de reverter o envelhecimento da entidade.

Comercialização

- Atualização do catálogo de peças e divulgação do mesmo no site da associação;
- Marketing da marca coletiva Aíra;
- Busca de novos mercados (lojas, feiras, eventos) dentro e fora do país;
- Revisão de preços das peças.

No caso das demais artesãs identificadas em Santarém, que não participam de nenhuma organização, observa-se a vulnerabilidade da prática de fazer cuias em função do quadro de desvalorização dos produtos desse trabalho. Recebendo menos de um real por cuiá pintada e dependendo sempre de intermediários para colocar seus produtos no mercado, essas artesãs têm poucos estímulos para se dedicarem ao ofício. O acesso a melhores mercados, nessas circunstâncias, representaria uma mudança positiva no contexto de trabalho e de vida dessas mulheres.

Nesse sentido, a situação delas não difere muito da que vivem as antigas artesãs de Monte Alegre, a não ser pelo fato de que a produção em Santarém é intensa, enquanto que lá está decadente. Seria o caso de avaliar, junto com as artesãs identificadas e possíveis interessadas, a pertinência de alguma iniciativa de transmissão de saberes e busca de mercados. Antes de formular qualquer proposta, contudo, parece útil tomar algumas providências a fim de conhecer melhor a situação geral do artesanato de cuias na região do Baixo Amazonas e de esclarecer a sociedade regional, em especial os grupos produtores do artesanato, sobre o processo de patrimonialização do modo de fazer.

Numa frente de pesquisa, seria importante ter um mapeamento atualizado das comunidades produtoras de cuias em Santarém, Monte Alegre e outras localidades do Baixo Amazonas. No campo da difusão cultural, seria interessante veicular mais intensamente as publicações produzidas sobre o tema em circuitos variados, dentro e fora da região.”

(Dossiê Descritivo, p. 71-72)

Embora já tenham ocorrido algumas ações de transmissão de saberes no âmbito dos projetos desenvolvidos desde 2002, ressaltamos a importância da continuidade de ações voltadas à transmissão e a trocas de saberes, pois essas são elementos primordiais para a sustentabilidade do modo de fazer cuias. Sugerimos, nesse sentido, a incorporação, no plano de salvaguarda do bem a ser Registrado, outras ações de transmissão de saberes relacionados ao modo de fazer cuias no Baixo Amazonas.

4. Estética e pertencimento

Uma análise mais atenta aos padrões de ornamentação das cuias permite que se realize uma apreciação e investigação acerca da *estética* que revolve a confecção deste artesanato. Embora a possibilidade a transposição do termo não seja consenso na bibliografia antropológica sobre o tema (Weiner, James F.; Morphy, Howard; Overing, Joanna; Coote, Jeremy; Gow, Peter; Layton, Robert: 1993)⁹, utilizaremos *estética* pelo seu poder de evocar, para as detentoras, através do processo de patrimonialização em que tiveram participação ativa, ricas dinâmicas de compreensão dos sentidos de seu pertencimento. Ou seja, podemos afirmar, através do material que consta no processo de Registro, que os padrões estéticos de incisão nas cuias são absolutamente importantes para a contemplação das artesãs e para aqueles que as adquirem.

Diz-se dos padrões iconográficos “mais tradicionais” vinculados às cuias do Baixo Amazonas aqueles relacionados a medalhões, molduras, pássaros, frutas, anagramas, estrelas, bandeiras, brasões, paisagens e motivos florais de estilo rococó.¹⁰ Autores como Porro (1995) e Hartmann (1988), citados no INRC e no Dossiê, discutem a propagação de tais modelos iconográficos a partir do contexto de colonização da região, em que religiosos europeus utilizavam-se do trabalho dos indígenas nas vilas e missões amazônicas. Esses eventos tornar-se-iam herança icônica, sendo as cuias trabalhadas a partir de elementos da memória dos artesãos e transformadas em objeto artístico.

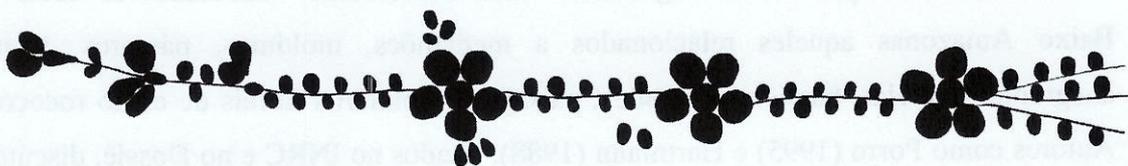
A difusão da “apostila” contendo os padrões recuperados pela pesquisa promoveu mudanças no repertório de ornamentação, ao reincorporar aos ofícios das artesãs conhecimentos tradicionais que haviam deixado de fazer parte da prática para a maioria, e da memória para grande parte das mulheres. A apropriação dos desenhos foi, certamente, muito distinta entre as comunidades, mas todas elas passaram a viver e

⁹ Cf. “Aesthetics is a cross-cultural category”. In: Ingold, Tim (Ed.). *Key Debates in Anthropology*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 1993.

¹⁰ Nesse sentido, o estilo rococó teria sido influência do Barroco europeu dos séculos XVII e XVIII na região, assim como os brasões e as bandeiras provavelmente acompanharam o momento político que o país vivia no século XIX com a Primeira República. O Dossiê Descritivo afirma que “motivos florais de estilo rococó compõem o repertório iconográfico mais antigo que se conhece nas cuias do Baixo Amazonas, e que hoje constituem a memória das artesãs e sua referência de tradição no artesanato de cuias.” (Dossiê Descritivo, p. 63)

reelaborar de maneira criativa a chama das incisões que há muito havia sido apagada do seu horizonte e da sensibilidade de suas mãos.¹¹

Estilos próprios (Boas, 2014)¹² podem ser identificados através dos padrões gráficos e de desenhos reproduzidos nas cuias pelas artesãs do Baixo Amazonas. Estilos que comunicam estilos de vida, padrões que significam uma estética particular de criar objetos: cada comunidade agencia seus próprios padrões, a partir de seus próprios instrumentos e mecanismos de desempenho técnico. Todas elas, entretanto, compartilham de modos de fazer tradicionais que as fazem pertencer ao lugar e este às cuias manejadas por elas.



Fonte: INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas
Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p. 35.

¹¹ “Em algumas, as artesãs demonstraram maior pendor e aptidão para os desenhos florais tradicionais; noutras, como é o caso destacado do Cabeça d’Onça, os grafismos tapajônicos e geométricos – que também foram chamados “indígenas” – tornaram-se a especialidade.” (O artesanato de cuias em perspectiva, 2001: 40-41).

¹² Boas, Franz. *Arte Primitiva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

Conclusão

As artesãs trazem no corpo o modo de fazer as cuias. Os saberes subjacentes às técnicas, na prática cotidiana, é como se elas não os soubessem. Simplesmente fazem. Mas não como operárias numa linha de produção onde nada reste de si no produto final. Ao contrário, as artesãs dotam de desejo e subjetividade cada cuia que fazem, desde que, ao pé da cuieira, escolhem o fruto que melhor se adequa ao objeto pretendido. Por mais que seus movimentos pareçam involuntários, quando estão trabalhando e, ao mesmo tempo, alimentando os filhos, dando de comer às galinhas, conversando animada e distraidamente, empenham todas as sensações no exercício de seu ofício. Cada uma delas escuta atentamente o som que faz a faca ao bater no fruto para saber se está maduro; avalia na ponta dos dedos a textura da casca para calcular o quanto precisará ser lixada; olha o fruto para verificar onde deve se meter o terçado para cortá-lo em bandas iguais; sabe, pelo movimento da mão, quantas pinceladas bastam para tingir as cuias; até mesmo quando ornamenta as peças, conversando com alguém, a delicadeza e a perfeita simetria dos traços parecem naturalmente alcançadas pela mão, sem o recurso a medições ou esboços.

Crianças riscam nas cuias descartadas pelas mulheres e desenham até em cuias verdes, para brincar. Improvisam brinquedos como o boizinho com corpo de cuia e pernas e chifres de palitos de madeira, ou os barquinhos feitos com uma banda de cuia ovalada. Das brincadeiras as meninas passam, cedo, para o lado da mãe, da avó, da tia ou da irmã mais velha que já trabalha nas cuias para vender. Começam ajudando nas várias etapas do trabalho, especialmente nas tarefas mais leves, vão adquirindo prática e, ainda jovens, se tornam competentes artesãs. Quando casam e têm filhas, repetem com elas o mesmo processo.

(Dossiê Descritivo, p. 53-54)

O universo cultural ao qual as cuias do Baixo Amazonas estão inseridas deve ser compreendido através do contexto de ocupação e transformação do norte do Brasil, em que atividades de produção já praticadas por povos indígenas foram sendo transmitidas a outros sujeitos, além de terem passado por processos de transformação específicos dos encontros travados na dinâmica da colonização.

Os projetos desenvolvidos geraram várias transformações na dinâmica da produção do artesanato de cuias ornamentadas no Baixo Amazonas. Uma delas refere-se aos bons ganhos no mercado externo à região, que fortaleceram as artesãs, gerando capital de giro através do qual puderam investir recursos na produção, distribuição e comercialização das peças. Outra diz respeito à percepção do artesanato propriamente

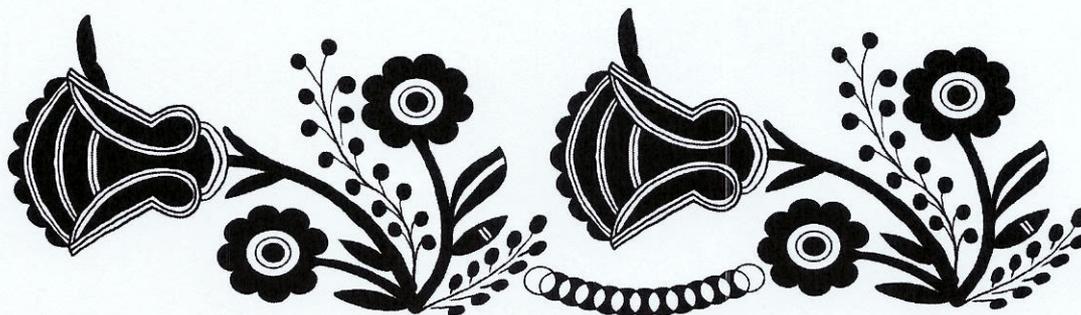


dito, principalmente em relação às mudanças de padrão estético e a maneira como passaram a construir as cuias.

A mobilização foi essencial, portanto, não só para ressignificar a importância da produção das cuias e discutir com as artesãs como sua atividade se relaciona a sentimentos de identidade indissociáveis de sua existência, mas também no sentido de reavivar padrões estéticos dantes eclipsados por uma série de fatores históricos e sociais próprios das dinâmicas de migração e urbanização do território.

O fazer artesanal das cuias do Baixo Amazonas passou por um processo de reconstrução e revalorização através dos projetos desenvolvidos e da mobilização das comunidades produtoras. Diante dos dados levantados pela pesquisa no INRC, podemos afirmar que os modos de fazer cuias possuem valor central para as artesãs e foram identificadas como referências culturais por excelência. Dessa forma, ressaltou-se o valor patrimonial do artesanato em cuias, evidenciado pela sua importância na vida social das detentoras e seu ofício praticado tradicionalmente por elas, num contexto de profunda desvalorização e esquecimento dos padrões estéticos de ornamentação.

Por ser uma expressão cultural de longa continuidade histórica que, todavia, encontra-se em constante processo reelaboração, sendo uma tradição que se reitera e se atualiza; por sua relevância nacional na medida em que abarca a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira; por ser uma referência cultural importante que foi exercida, principalmente, pelas comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas, considerados um dos grupos formadores da nacionalidade; por sua capacidade de rememoração do passado e ressignificação do presente; e por tudo mais que está demonstrado neste processo e corroborando a posição CNFCP, somos **favoráveis** à inscrição do **Modo de Fazer Cuias no Baixo Amazonas** no Livro de Registro dos Saberes como **Patrimônio Cultural do Brasil**.



Fonte: INRC Modos de Fazer Cuias no Baixo Amazonas
Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer, p. 29.

É este o parecer.

Brasília, 17 de abril de 2015.

Sara S. M. Moraes
Sara Santos Moraes
Antropóloga

Sara Santos Moraes
Técnica em Antropologia
SIAPE nº 2069948
CGIR/DPI-IPHAN

Coordenação Geral de Identificação e Registro
Departamento do Patrimônio Imaterial
SIAPE 2069948

De acordo.
À Diretora Substituta do DPI,
Para os devidos encaminhamentos.
Em 17 de abril de 2015.

Ellen Krohn
Coordenadora de Registro-Substituta
COREG/DPI/IPHAN

Ellen Krohn
Coordenadora de Registro Substituta
Departamento do Patrimônio Imaterial



Frente: PIRE, Molde de Pate, Cotas no Bairro Amazonas
Ficha de Identificação de Olfato e Molde de Pate, p. 29.

É este o parecer.

Bombas, 17 de abril de 2012.

EM BRANCO



Coordenador Geral de Identificação e Registro
Departamento de Patrimônio Material
SIAPE 300001

De acordo
À Diretora Substituta do DFI
Para os devidos encaminhamentos
Em 17 de abril de 2012.

[Signature]

Elton Krohn
Coordenador de Registro Substituto
Departamento de Patrimônio Material